

**ELEIÇÕES**

**A retomada  
democrática  
do Brasil,  
vista  
dos EUA.**

*Sarney*

O Brasil está no meio da sua primeira campanha nacional de eleições desde que o governo civil retornou no ano passado. Mas um debate há muito tempo esperado a respeito do futuro político do Brasil está ficando na sombra devido a questões regionais e

a embates de personalidades.

As eleições estão sendo amplamente consideradas como sendo uma parte crucial da transição do Brasil da ditadura para a democracia, uma vez que o Congresso que será escolhido no dia 15 de novembro irá redigir uma nova Constituição — a oitava do País — para substituir a que foi imposta pelos militares governantes em 1969.

O próximo, o País irá decidir quando as próximas eleições presidenciais — as primeiras pelo voto popular direto desde 1960 — serão realizadas, se será adotado um sistema presidencial ou parlamentar, que papel o Estado deve assumir na economia e que circunstâncias autorizam — ou não — as Forças Armadas a tomarem o poder sem violarem a Constituição.

Mas as eleições também irão escolher novos governadores para os 23 Estados brasileiros e, num país ainda caracterizado por fortes tradições políticas regionais, a atenção pública tem sido focalizada muito mais na competição pelos cargos locais do que no debate a respeito das questões nacionais.

"Eu sempre achei que era um erro realizar as duas eleições simultaneamente", disse um político do partido do governo, ecoando uma opinião cada vez mais manifestada. "Tem sido impossível estimular discussões sérias a respeito das questões que a Assembléia Constituinte terá de decidir. As pessoas se esquecem de que os governadores são eleitos por períodos de quatro anos e que a Constituição poderá perdurar por muito mais tempo do que isso."

De fato, para muitos comentaristas políticos, a campanha serviu para demonstrar que, apesar dos 69 milhões de eleitores registrados fazerem com que o Brasil seja a terceira maior democracia do mundo depois da Índia e dos Estados Unidos, as instituições democráticas do País continuam frágeis e, acima de tudo, vulneráveis ao populismo e ao regionalismo.

Os políticos mais jovens rotineiramente culpam os 21 anos de governo militar pelas fraquezas estruturais e pelas inconsistências ideológicas dos partidos políticos brasileiros, se bem que na verdade o País nunca chegou a ter fortes partidos nacionais. Hoje muitos políticos que eram ativos antes do golpe de 1964 estão novamente atarefados nas campanhas, se bem que sob novas bandeiras.

E entre todos eles emerge o atual presidente do Brasil, José Sarney, que conseguiu sair da sombra política do seu predecessor, o falecido Tancredo Neves.

"Eu fui colocado nas listas dos políticos porque eu representava facções que forneceriam a maioria necessária no Colégio Eleitoral. Eu não era o candidato da esperança e nem mesmo da mudança. Eu fui artifício."

É possível que José Sarney entre nos livros de História como sendo o estadista mais legível e mais "autocancelável" jamais publicado pela revista **Foreign Affairs**. Na sua mais recente edição, a respeitada e por vezes altissonante revista trimestral norte-americana, publicou um simpático relato na primeira pessoa a respeito de como Sarney se viu catapultado a uma relativa obscuridade para substituir Tancredo Neves, o muito amado presidente eleito do Brasil. Na véspera da posse do primeiro presidente civil do Brasil em 21 anos, a esposa de Sarney o encontrou no quarto "deitado de costas, mergulhado em pensamentos, e ela não deixou de perguntar 'Você está doente? Justamente hoje?' E eu respondi: 'Não, estou apenas treinando para ser presidente'".

O descanso de Sarney foi de curta duração. Naquela mesma noite — do dia 14 de março de 1985 — Tancredo Neves foi hospitalizado com febre alta e um distúrbio intestinal, e na manhã seguinte Sarney prestou o juramento em lugar de Tancredo Neves. Um país inteiro acompanhou os acontecimentos, na medida em que Tancredo Neves, de 75 anos de idade, submeteu-se a sete operações abdominais, tendo falecido 38 dias depois.

Sarney, de 56 anos, não é um político exuberante em público. Mas o bom humor no seu texto também surge na sua vida privada. Ele é um homem cordial e despretenhoso, dado a pequenas brincadeiras e, como ele disse numa recente entrevista à revista **Newsweek**, no **Planalto do Brasil**, dando também a "falar um pouco demais".

Sarney liderou a Nação numa cruzada iconoclasta contra a inflação que acabou revelando ser uma inesperada jogada política. Os brasileiros não são conhecidos pelas intensas paixões ideológicas que inspiram — e freqüentemente destroem — outros sul-americanos, mas eles demonstraram que são capazes de combater por uma causa, justamente o combate à inflação. Os consumidores foram transformados em "fiscais do Sarney", uma polícia de preços que patrulhava os supermercados e as lojas com fervor inesperado.

O presidente acidental realizou uma extraordinária reviravolta no estado de espírito nacional. E o próprio Sarney conseguiu sair debaixo das longas sombras de Tancredo.

Alan Riding, do N.Y. Times, e Alma G. Prieto, da Newsweek.